



13 DE MAIO DE 2015

Quarta-feira

- MAIORIA DAS EMPRESAS PLANEJA INVESTIR MAIS EM INOVAÇÃO, APONTA PESQUISA
- PRODUÇÃO INDUSTRIAL CAI EM 11 DE 15 REGIÕES EM MARÇO
- ALL TEM PREJUÍZO DE R\$229 MI NO 1º TRI E PIORA EM OPERAÇÕES FERROVIÁRIAS
- GM DEMITE 150 METALÚRGICOS EM SÃO CAETANO E FUNCIONÁRIOS PODEM ENTRAR EM GREVE
- BOLSA FECHA PARCERIA COM S&P DOW JONES E LANÇA 5 ÍNDICES DE AÇÕES
- GM PARA FÁBRICA EM GRAVATAÍ (RS) POR FALTA DE ACORDO COM TRANSPORTADORAS
- INDÚSTRIA AUTOMOTIVA HIGH-TECH FLORESCE NO CENTRO DO MÉXICO
- SIDERURGIA E METALURGIA TÊM CÂMARA NA FIEMG
- NÍVEL DE INOVAÇÃO NO PAÍS DEIXA A DESEJAR, DIZ CNI
- VOTORANTIM METAIS PEDE LICENÇA PARA PROJETO ORÇADO EM R\$ 215 MILHÕES
- BILIONÁRIO SUL-AFRICANO É DESCOBERTO VENDENDO SEU IMPÉRIO DE AÇO
- RIO TINTO SE MOSTRA CONVICTA SOBRE EXPANDIR MINÉRIO DE FERRO
- BHP PLANEJA CORTES DE CUSTOS MAIS PROFUNDOS PARA ENFRENTAR QUEDA EM COMMODITIES
- CÂMBIO JÁ AMPLIA A SUBSTITUIÇÃO DE IMPORTADOS
- INDÚSTRIA DE SP CAI EM MARÇO, APÓS DOIS MESES DE RECUPERAÇÃO
- CLIMA DA ECONOMIA ATINGE O PIOR NÍVEL EM 26 ANOS, APONTA PESQUISA
- CRISE AFETA PEQUENA INDÚSTRIA E MAIORIA JÁ FAZ CORTES, DIZ PESQUISA

- MEGAFERROVIA QUE LIGA OCEANOS ENTRA NO PLANO DE DILMA
- CHINA DIZ QUE CRESCIMENTO ECONÔMICO EM ABRIL FICOU EM "FAIXA RAZOÁVEL"
- DÓLAR CAI PELO 2º DIA COM MERCADO DE OLHO EM AUMENTO DE JURO NOS EUA
- FRAS-LE VAI NA CONTRAMÃO DO MERCADO E LUCRA 17% A MAIS NO 1º TRIMESTRE
- FMM ESPERA FATURAR € 200 MILHÕES EM GOIANA
- AGC CHEMICALS AMPLIA NEGÓCIOS COM SETOR DE AUTOPEÇAS NO PAÍS
- 10 COISAS QUE VOCÊ PRECISA SABER ANTES DE TRABALHAR NA FIAT
- NÃO HÁ DEMOCRACIA COM DESINDUSTRIALIZAÇÃO, DIZ ALDO REBELO
- PRODUÇÃO DE AÇO BRUTO DA CHINA CAI 0,7% EM ABRIL
- BRASIL TEM CONJUNTURA DIFÍCIL E PRECISA DE ESFORÇO FISCAL
- REVOLTA COM DEMISSÕES CAUSA PROTESTO DE OPERÁRIOS NA VOLVO

CÂMBIO EM 13/05/2015		
	Compra	Venda
Dólar	3,028	3,028
Euro	3,443	3,444

Fonte: BACEN

Maioria das empresas planeja investir mais em inovação, aponta pesquisa

13/05/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo

Pesquisa feita pela CNI (Confederação Nacional da Indústria) com 100 empresas mostra que 57% delas pretende aumentar os investimentos em inovação nos próximos cinco anos.

Segundo elas, o investimento é necessário para lidar com desafios do mercado em que atuam e ganhar vantagem competitiva. As empresas citam ainda a necessidade de diversificar a atuação como estímulo para os desembolsos em inovação.

Hoje, a maior parte das companhias pesquisadas (54%) investe até 3% de seu orçamento nesse quesito. Apenas 28% delas aplicam 5% ou mais, mostrou o estudo divulgado nesta terça-feira (12) pela entidade.

A pesquisa foi feita a partir de entrevistas com diretores, vice-presidentes ou presidentes de 40 grandes e 60 pequenas e médias empresas com atuação em treze setores da economia.

A maioria das companhias de grande porte (67%) combina diferentes fontes de recursos para financiar a inovação, incluindo recursos próprios, captados em instituições privadas e em instituições públicas. Somente 30% valem-se apenas de suas receitas para investir no quesito.

Já as pequenas e médias têm mais dificuldade de conseguir empréstimos para esse fim. Entre elas, 46,7% afirmam ter de recorrer a recursos próprios para financiar iniciativas relacionadas à inovação.

PERCEPÇÃO

Apesar de quase todas as empresas afirmarem que a inovação faz parte da estratégia de negócios, esse esforço ainda é insuficiente. Para 62% delas, o grau de inovação do país é baixo ou muito baixo.

Segundo elas, o Brasil somente importa ou copia o que é feito lá fora. Faltam ainda cultura de inovação nas empresas e políticas de incentivo efetivas no país.

Na avaliação das companhias, a burocracia e a regulamentação excessiva inibem os investimentos no setor. Também dificultam a inovação os níveis baixos de educação e de qualificação de mão de obra.

Para 89% das empresas entrevistadas, os profissionais que mais contribuem para a inovação em sua empresa não chegam ao mercado de trabalho suficientemente capacitados.

Na avaliação das companhias, hoje os que mais auxiliam no processo de inovação são os profissionais com curso superior, em especial os engenheiros, e os funcionários com pós-graduação.

A inovação vem ganhando importância na estratégia das empresas, uma vez que contribui para aumentar a competitividade, de acordo com a CNI.

"A inovação é o meio mais estratégico para a indústria crescer e colher resultados mesmo em cenários adversos com o atual", diz o superintendente nacional do Instituto Euvaldi Lódi (IEL), Paulo Mól.

Produção industrial cai em 11 de 15 regiões em março

13/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

De acordo com o IBGE, a queda de 3,5% na produção nacional em março na comparação do mesmo mês de 2014 foi acompanhada por 11 dos 15 locais pesquisados, informou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nesta terça-feira (12).

Na semana passada, o IBGE divulgou que a produção industrial nacional caiu 0,8% em março ante fevereiro, na série com ajuste sazonal. Em relação a março de 2014, a produção nacional caiu 3,5%.

Em São Paulo, porém, o recuo foi de 2,7% neste período, menos intenso do que a média nacional. Nesta base de comparação, as maiores quedas foram registradas por Amazonas (-20,6%) e Minas Gerais (-9,7%). Paraná (-5,2%), Rio de Janeiro (-5,1%), Santa

Catarina (-4,0%) também apontaram quedas mais acentuadas do que a média nacional (-3,5%), enquanto Bahia (-3,1%), São Paulo (-2,7%), Ceará (-2,4%), Rio Grande do Sul (-2,1%), Região Nordeste (-1,2%) e Pernambuco (-0,7%) completaram o conjunto de locais com taxas negativas nesse mês.

Por outro lado, Espírito Santo (19,8%) e Pará (11,8%) assinalaram os avanços mais intensos nesse mês, impulsionados, em grande parte, pelo comportamento positivo vindo dos setores extrativos e de metalurgia, no primeiro local, e de indústrias extrativas, no segundo.

Os demais resultados positivos foram observados em Goiás (6,2%) e Mato Grosso (6,1%). "Vale citar que março de 2015 teve três dias úteis a mais do que igual mês do ano anterior", destacou o IBGE.

Março contra fevereiro

A redução de ritmo na produção industrial nacional na passagem de fevereiro para março, já descontados os efeitos sazonais, foi acompanhada por cinco dos 14 locais pesquisados.

Entre os cinco locais em que houve recuo na produção na passagem de fevereiro para março, São Paulo, maior parque industrial do país, registrou queda de 0,8%, resultado idêntico à média nacional. As demais quedas na produção ocorreram em Ceará (-3,1%), Minas Gerais (-2,5%), Paraná (-2,3%) e Pernambuco (-2,2%), informou o IBGE.

Por outro lado, Bahia, com expansão de 22,1%, mostrou o crescimento mais elevado nesse mês, após três meses consecutivos de queda na produção, período em que acumulou perda de 21,9%.

Região Nordeste (8,1%), Rio de Janeiro (4,8%) e Pará (3,2%) também assinalaram avanços acentuados em março ante fevereiro, enquanto Espírito Santo (1,2%), Rio Grande do Sul (1,1%), Goiás (0,7%), Amazonas (0,5%) e Santa Catarina (0,3%) apontaram expansões menos intensas.

Indústria do Paraná recua 5,2% em março

A produção industrial paranaense teve retração de 5,2% em novembro, na comparação com o mesmo mês do ano passado, segundo Pesquisa Industrial Mensal Produção Física Regional divulgada hoje pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Nos três primeiros meses do ano, a indústria do Paraná acumula queda de 10,5%. Em março, na comparação com o mês de fevereiro, houve queda de 2,3% na atividade industrial.

Dos 14 setores pesquisados no Paraná, seis tiveram desempenho negativo, com destaque para o setor automotivo, que teve queda de 33,2% em março na comparação com o março de 2014.

Também amargaram queda na produção os setores de fabricação de produtos de minerais não-metálicos (-13,4%); indústrias de transformação (-5,2%); fabricação de produtos de madeira (-4%); fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis (-5,1%); fabricação de produtos de borracha e de material plástico (-5%).

Na outra ponta, das contribuições positivas, o setor que mais cresceu foi o de fabricação de máquinas e equipamentos, com alta de 11,7% em março na comparação com o mesmo mês de 2014.

Também tiveram desempenho positivo, com contribuições mais significativas, fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (9,4%); fabricação de bebidas (7,1%); fabricação de celulose, papel e produtos de papel (5,4%), e fabricação de outros produtos químicos (8,7%).

ALL tem prejuízo de R\$229 mi no 1º tri e piora em operações ferroviárias

13/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

A América Latina Logística (ALL) teve prejuízo líquido de R\$ 229 milhões de janeiro a março, divulgou na noite de segunda-feira (11), ante lucro de R\$ 7,2 milhões no mesmo período um ano antes, segundo resultado reapresentado.

Além da piora no resultado das operações ferroviárias, o desempenho decorreu do reconhecimento de despesas para conclusão da fusão com a Rumo, de cerca de R\$ 33 milhões, e aumento da despesa financeira, que subiu 28,4%, a R\$ 313,5 milhões.

O resultado do primeiro trimestre da companhia de logística ainda foi divulgado separadamente ao da Rumo Logística, já que a união das companhias para formar a Rumo ALL começou na prática no início de abril.

O lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) da ALL totalizou R\$ 255,2 milhões, baixa de 37,4% na base de comparação anual.

O volume transportado total das operações ferroviárias recuou 4,2%, a 9,032 bilhões de TKU, reflexo da queda de 2,7% do volume de commodities agrícolas e de 8,5% de produtos industriais.

Desempenho

O resultado foi mais fraco devido à base de comparação maior no primeiro trimestre de 2014, quando houve antecipação de demanda de importação de soja pela China, além de maior movimentação de açúcar.

Neste ano, adicionalmente, a greve dos caminhoneiros impactou a chegada de grãos de Mato Grosso e Paraná nos terminais da ALL, permitindo o carregamento apenas de volumes estocados nos períodos afetados, no fim de fevereiro e meados de março.

Segundo a ALL, isso ocasionou uma redução de aproximadamente 430 milhões de TKU no volume total transportado.

A greve também afetou o volume de combustíveis transportado, o que repercutiu no volume de produtos industriais.

Desta maneira, a receita operacional líquida das operações ferroviárias da ALL caiu 3,1%, a R\$ 789,4 milhões. A queda da receita foi inferior à baixa no volume das operações ferroviárias devido ao aumento de 0,7% da tarifa ferroviária.

O Ebitda recuou 38,2%, a R\$ 246,2 milhões, com queda da margem de 48,9% para 31,2%, pelos menores volumes transportados e pela despesa extraordinária devido à conclusão da fusão de Rumo e ALL.

A operação da Brado Logística, responsável por serviços de logística intermodal de contêineres, teve melhor desempenho, com aumento de 21,3% no volume de contêineres transportados no primeiro trimestre. O Ebitda da Brado subiu 16,2% no período, a R\$ 16,8 milhões.

Resultado combinado

Junto com o resultado da ALL, também foram apresentados números do resultado combinado com a Rumo, para melhor entendimento do negócio.

Combinadas, as companhias tiveram prejuízo de R\$ 226,2 milhões de janeiro a março, sendo perda de R\$ 229 milhões correspondente à ALL e ganho de R\$ 8 milhões à Rumo. Também houve variação negativa de R\$ 5,2 milhões de reais referente a ajustes e eliminações.

Isso se compara a lucro líquido combinado de R\$ 27,7 milhões no primeiro trimestre de 2014.

O Ebitda combinado somou R\$ 311,5 milhões, dos quais R\$ 255,2 milhões referentes à ALL, R\$ 61,5 milhões à Rumo, adicionados novamente de variação negativa de R\$ 5,2 milhões por conta de ajustes e eliminações. O Ebitda combinado havia totalizado R\$ 470,9 milhões de janeiro a março de 2014.

GM demite 150 metalúrgicos em São Caetano e funcionários podem entrar em greve

13/05/2015 - Fonte: O Estado de S. Paulo



A General Motors (GM) demitiu, na última sexta-feira, 8, cerca de 150 metalúrgicos na fábrica de São Caetano do Sul (SP), informou nesta terça-feira, 12 o Sindicato dos Metalúrgicos da cidade.

De acordo com a entidade, o motivo dos cortes seria a queda nas vendas de veículos novos, que acumulam recuo de 19,2% nos quatro primeiros meses de 2015. A GM não confirmou números e afirmou que os ajustes no quadro de empregados da unidade fazem parte da "rotatividade de pessoal natural da empresa".

Trabalhadores protestaram nesta terça-feira contra a decisão da montadora. Segundo o sindicato, os metalúrgicos e a direção da fábrica se reúnem nesta quarta-feira para negociar "medidas alternativas para ajuste de produção sem necessidades de cortes".

O resultado do encontro será avaliado pelos trabalhadores durante assembleia na quinta-feira e, caso não aprovem, a categoria poderá deflagrar greve por tempo indeterminado, diz o presidente do sindicato, Aparecido Inácio da Silva, o Cidão.

De acordo com o sindicato, o motivo dos cortes seria a queda nas vendas de veículos novos, que acumulam recuo de 19,2% nos quatro primeiros meses de 2015" SRC="/CMS/ICONS/MM.PNG" STYLE="FLOAT: LEFT; MARGIN: 10PX 10PX 10PX 0PX.

A entidade afirma que, no complexo industrial de São Caetano, trabalham cerca de 10,5 mil pessoas, entre horistas e mensalistas. Segundo o sindicato, desde o início do ano, a

montadora americana abriu dois programas de Demissão Voluntária na unidade, os quais teriam atraído 49 pessoas. Na unidade, há 1.286 trabalhadores afastados pela empresa, sendo 819 por meio de lay-off (suspensão temporária dos contratos) e 467 em licença remunerada.

Nesta terça-feira, a GM informou que paralisou, por tempo indeterminado, os três turnos da linha de produção na fábrica de Gravataí (RS), onde produz os modelos Onix, Prisma e Celta. De acordo com a montadora americana, a paralisação foi "forçada" pela decisão das empresas Tegma e Transzero de pararem de fazer o transporte dos veículos produzidos na unidade, após divergências sobre o custo do frete.

Bolsa fecha parceria com S&P Dow Jones e lança 5 índices de ações

13/05/2015 - Fonte: O Estado de S. Paulo



A BM&FBovespa e a S&P Dow Jones anunciaram nesta terça-feira, 12, a assinatura de um acordo estratégico para criação e lançamento de novos índices brasileiros de ações. A família S&P/Bovespa foi lançada com cinco índices de ações: Índice S&P/Bovespa Baixa Volatilidade, Índice S&P/Bovespa Ponderado pelo Risco, Índice S&P/Bovespa Qualidade, Índice S&P/Bovespa Momento e Índice S&P/Bovespa Valor Aprimorado.

"Esses índices ajudarão investidores. Oferecemos mais ETFs (fundos de índices, na sigla em inglês) e contratos de derivativos", afirmou o presidente da BM&FBovespa, Edemir Pinto. Os novos índices lançados hoje serão da categoria "smart beta", que são "índices inteligentes", definiu Edemir.

Esses índices "medem o desempenho das ações do mercado brasileiro com base na exposição que oferecem aos respectivos fatores de risco", segundo a companhia. Entre eles estão o "baixa volatilidade", que acompanha o desempenho do quintil (20%) superior das ações do mercado acionário brasileiro com menor volatilidade medida pelo desvio padrão, o "ponderado pelo risco", que mede o desempenho do mercado acionário sendo as ações ponderadas pelo inverso de sua volatilidade, "qualidade", que mede o desempenho do quintil superior das ações de alta qualidade do mercado acionário do país selecionadas conforme o conceito de qualidade global, "momento", que mede o desempenho do quintil superior das ações do mercado que apresentam persistência em termos de desempenho relativo, e, por fim, o "valor aprimorado", o qual mede o desempenho do quintil superior das ações do mercado acionário brasileiro que apresentam valorizações atrativas em termos de pontuação de valor.

O presidente da S&P DJI, Alex Matturri, em apresentação, destacou que o acordo formado hoje com a bolsa brasileira, assim como os índices lançados, são apenas um passo de uma "nova aliança estratégica", na qual serão desenvolvidos novos produtos.

"A S&P está muito alegre com as oportunidades dessa nova parceria que irá trazer investidores de dentro e fora do Brasil", disse. Além dos produtos que devem ser lançados no âmbito da parceria, Edemir citou que a Bolsa vem trabalhando no lançamento de BDRs não patrocinados. "Também aumentamos participação na bolsa do Chile e queremos avançar mais na América Latina", disse, se referindo ao projeto da companhia de internacionalização.

Outros índices. O diretor-executivo de Produtos da BM&FBovespa, Eduardo Guardia, disse que dentre os próximos índices a serem lançados no âmbito da parceria firmada com a S&P Dow Jones, contemplará outras classes de ativos e não apenas índices lastreados em ações.

Na próxima etapa, destacou, deverão ser lançados índices de renda fixa e também baseado em inflação.

"Com essa parceria alavancamos nossa capacidade de lançamento de produtos", disse o executivo. Segundo ele, a Bolsa trabalhará, tendo em mãos novos índices", para ampliar o leque de produtos oferecidos ao mercado, como os ETFs e outros futuros listados.

A ideia, segundo o executivo, é aumentar a capacidade da companhia em lançar produtos de acordo com a demanda do mercado, já que, a partir dos novos índices, a companhia poderá complementar a gama de produtos existentes em seu portfólio.

"Estamos no caminho para a diversificação local e internacional", destacou Guardia, lembrando ainda, que os gestores terão, por meio dos índices que estão sendo lançados, novos benchmarks. "Estamos ampliando o leque de referência para as Assets", frisou.

A tributação do ETF de renda fixa, além de não contar com o come-cotas, terá alíquotas de IR decrescentes, de acordo com o publicado na MP e que passou a valer no início deste ano. Hoje, na Bolsa já são negociados os ETFs de renda variável.

Ao todo, são 18 ETFs listados. Guardia citou que existe hoje no mercado "uma demanda crescente por ETFs" e que por meio da criação de novos índices para o mercado brasileiro se abrirá espaço para o lançamento de novos fundos de índices.

O executivo lembrou que, apesar de haver 18 ETFs disponíveis na bolsa brasileira aos investidores, os volumes estão muito concentrados em dois produtos. O executivo destacou, ainda, que os ETFs representam no mercado brasileiro apenas 2% do volume negociado no mercado à vista.

Futuro de inflação. Guardia disse que está programado para o próximo mês o lançamento no mercado de contratos de futuros de títulos atrelados a índice de inflação. "Existe uma demanda e temos conversado com o mercado e tem muito interesse.

Será, na verdade, um relançamento, porque já tivemos no passado esse produto", destacou. Em relação aos produtos de balcão, o executivo disse que mais para o fim deste ano ou início do ano que vem, novos produtos devem ser lançados e citou, por exemplo, o swap com fluxo de caixa.

Guardia lembrou que recentemente a companhia lançou, entre os produtos de balcão, as Letras Financeiras e o CDB escalonado. "Estamos migrando a nossa plataforma de derivativos de balcão para uma mais moderna", destacou.

GM para fábrica em Gravataí (RS) por falta de acordo com transportadoras

13/05/2015 - Fonte: A Folha de S. Paulo

A General Motors informou nesta terça-feira que suspendeu a produção de sua fábrica de carros compactos em Gravataí (RS) por falta de acordo de frete com as transportadoras de veículos Tegma e Transzero.

A unidade produz os modelos Onix, Prisma e Celta e, segundo a GM, teve de suspender a produção depois que Tegma e Transzero paralisaram a retirada dos carros produzidos pela fábrica.

"Após fechar acordo com todas as transportadoras de veículos nas fábricas de São Caetano do Sul (SP) e São José dos Campos (SP), a GM lamenta a decisão de Tegma e Transzero de paralisarem a retirada de carros da fábrica de Gravataí", afirmou a montadora norte-americana em nota à imprensa.

Procurada, a Tegma não comentou o assunto e a GM evitou dar mais detalhes. Já a Transzero afirmou que a empresa não paralisou operações, mas que se "houver paralisação, ela ocorreu por parte de motoristas terceirizados".

A suspensão da produção ocorre no momento em que as vendas de veículos no país acumulam queda de 17,5% de janeiro a abril ante o mesmo período do ano passado e em que os estoques de veículos novos à espera de comprador atingiram no mês passado nível suficiente para 50 dias de comercialização, segundo dados da associação de montadoras, Anfavea.

"Nós reafirmamos o compromisso de continuar as negociações sobre o custo do frete e esperamos alcançar um acordo que não comprometa a competitividade dos produtos Chevrolet no mercado brasileiro", afirmou a GM no comunicado.

Indústria automotiva high-tech floresce no centro do México

13/05/2015 - Fonte: A Folha de S. Paulo



Quando o artista mexicano Diego Rivera (1886-1957) pintou os famosos murais que retratavam o apogeu das indústrias de carros de Detroit, não imaginou que, pouco menos de um século depois, tais cenas já não seriam mais vistas nos EUA, mas ganhariam uma nova vida em seu próprio país natal.

Hoje, existem mais postos de trabalho nas indústrias de automóveis da região central mexicana do que em todo o Meio-Oeste norte-americano –onde se concentrava a produção no século passado.

De 2011 a 2014, o México atraiu mais de US\$ 10 bilhões em investimentos de multinacionais para a região que inclui os Estados de Zacatecas, Aguascalientes,

Guanajuato e Querétaro. Ali estão General Motors, Ford, Chrysler, Honda, Mazda, Toyota, Nissan, Audi e Volkswagen.

Nas últimas semanas, foram anunciados novos investimentos na zona, num total de US\$ 3,5 bilhões. A produção automotiva mexicana, que desbancou a brasileira no ano passado, é a sétima mais volumosa no mundo, e o país posiciona-se agora como quarto maior exportador.

Num café no centro histórico de Guanajuato, o engenheiro francês Henri Ruffier, 28, conta que chegou à região para trabalhar como consultor da indústria há dois anos.

"Esperava encontrar um projeto mais embrionário, mas, desde o primeiro dia, notei a qualidade das instalações e o profissionalismo já como cultura vigente", diz à **Folha**. Entre os amigos que chegam para o happy hour, todos também funcionários do setor, vários estrangeiros.

Mas é o analista Jorge Reyes que observa: "Quando Rivera pintou aquele mural, sonhava com uma linha de produção em que se alinhariam trabalhadores de diferentes origens e raças. Não aconteceu tanto nos EUA, mas está acontecendo agora no México".

Essa espécie de oásis de prosperidade no meio de um país que enfrenta graves conflitos relacionados ao narcotráfico se beneficia da proximidade do principal destino de suas exportações de carros, os EUA. Mais de 80% da produção é para exportação, e mais de dois terços vão para o vizinho do norte.

Além disso, a facilidade de transporte por estradas renovadas (chega-se à fronteira dos EUA em oito horas) e o baixo custo do salário médio (em comparação com o de chineses ou norte-americanos) são os motores desse bom momento da produção.

O fato de o México ter tratados de livre-comércio com 44 países faz com que seja ainda mais atrativo para investimentos europeus, da China, do Japão e dos EUA.

Aos poucos, a região inverteu o fluxo migratório dos trabalhadores, que antes iam do sul buscar trabalho nas "maquiladoras", ao norte do país.

"Agora, ganha-se mais aqui e podemos estar perto de casa", diz a estudante Amalia Rosa, 21, que cursa engenharia em uma universidade local, com bolsa de estudos paga por uma empresa.

As fábricas de automóveis são construídas ao redor de cidades históricas sem muita estrutura para abrigar a nova população. Em Querétaro, as montanhas foram tomadas por conjuntos residenciais construídos às pressas.

"Acho ótimo, aumenta o comércio. Só quero saber se alguém está pensando na barulheira e nesse trânsito, que só vai aumentar se continuarmos produzindo tantos carros!", diz José Villamizar, dono de um restaurante no centro da cidade, apontando para as estreitas e atravancadas ruas coloniais.

Siderurgia e metalurgia têm câmara na FIEMG

13/05/2015 - Fonte: Diário do Comércio

Com o objetivo de dar mais representatividade a dois dos setores mais tradicionais da indústria mineira, a Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg) criou a Câmara da Indústria de Siderurgia e Metalurgia. Ambos segmentos - que desde o advento da crise internacional, em 2009, vêm amargando perdas de receita e agora enfrentam

novo revés com a forte redução da atividade econômica no País -, terão a partir de agora um espaço exclusivo para debater as dificuldades e buscar soluções conjuntas para toda a cadeia.

Na segunda-feira passada, foi realizada a primeira reunião do colegiado, na sede da entidade, em Belo Horizonte. De acordo com o presidente do Sindicato da Indústria da Fundição no Estado de Minas Gerais (Sifumg), Afonso Gonzaga, um dos membros da Câmara, a iniciativa é uma antiga reivindicação tanto da indústria metalúrgica quanto das siderúrgicas mineiras.

"Não tínhamos um espaço onde pudéssemos debater temas de nosso interesse, além de apresentar os problemas que nos afligem em busca de apoio e orientações. Além disso, a Câmara vai permitir a troca de experiência entre os empresários dos setores envolvidos, que é muito importante e só agrega conhecimento sobre a cadeia", afirmou Gonzaga.

Na primeira reunião da Câmara, que é presidida pelo empresário Bruno Melo Lima (diretor-presidente da Metalsider), foram traçadas estratégias e definidas as prioridades de atuação em 2015. Conforme Lima, entre os destaques da pauta de reivindicações do colegiado estão pendências na área de legislação trabalhista e relações sindicais, tributárias e ambientais, que impedem o setor de dar um salto mais forte de crescimento.

"O cenário político e econômico do País indica que sofreremos recessão em 2015 e, provavelmente, em 2016 também. Precisamos buscar maneiras de enfrentar os desafios para o segmento", afirmou, em nota, o presidente do colegiado.

Leia também

Produção industrial em Minas diminui 8% no primeiro trimestre
Nível de inovação no país deixa a desejar, diz CNI
Mercado sugere à Anglo venda do sistema Minas-Rio
Votorantim Metais pede licença para projeto orçado em R\$ 215 milhões
Petrobras bate recorde de produção diária no pré-sal.

Capacidade - Gonzaga explicou que a indústria mineira de fundição vem sendo profundamente afetada pela desaceleração da economia. No momento, as empresas do setor vêm operando com metade da capacidade instalada e as demissões têm aumentado. "Estamos vivendo uma das mais fortes crises de nossa história", disse.

Um dos motivos do atual revés vivido pelo segmento é a redução da produção no setor automotivo, em função da queda nas vendas de veículos no mercado interno. Segundo o presidente do Sifumg, 60% da produção das fundições mineiras são voltadas para essa indústria. "No ano passado a queda nas nossas vendas ultrapassou 25%", revelou.

Outra reivindicação do setor é o aumento da fiscalização na entrada de produtos fundidos importados no País. Conforme Gonzaga, muitas mercadorias que usam peças fundidas, como motores, conjuntos de freios e embreagens, desembarcam no mercado doméstico sem serem considerados fundidos por uma questão de nomenclatura. E acabam prejudicando a produção nacional.

"Só no ano passado entraram 1,6 milhão de toneladas de fundidos no Brasil. Se dividirmos isso pelos principais polos produtores do País - São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul e Santa Catarina - poderíamos ter produzido aproximadamente o dobro dentro do Estado".

No ano passado, a produção mineira de fundidos atingiu 697 mil toneladas, número praticamente 40% abaixo da registrada em 2013 e equivalente à de 2009, quando o setor atingiu o pior nível dos últimos 20 anos, devido à crise internacional.

Nível de inovação no país deixa a desejar, diz CNI

13/05/2015 - Fonte: Diário do Comércio

Pesquisa divulgada ontem pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostra que seis em cada dez líderes empresariais que comandam negócios inovadores consideram que o grau de inovação no Brasil deixa a desejar. O principal motivo alegado é que o Brasil está atrasado em relação a outros países, reflexo de defasagem tecnológica acumulada ao longo dos anos.

Segundo o levantamento, feito com cem executivos, 54% do total disseram que o grau de inovação da indústria é baixo e outros 8% afirmaram ser "muito baixo". Outros 35% responderam "Nem alto, nem baixo" e apenas 3% classificaram como alto.

De forma geral, os empresários que consideram o grau de inovação "baixo" ou "muito baixo" destacaram que a indústria, muitas vezes, acaba por importar ou copiar o que é feito em outros países.

De acordo com os entrevistados, falta cultura de inovação nas empresas brasileiras em geral. Eles também elencaram como entraves a falta de políticas de incentivo, a dificuldade de interação entre empresas e universidades e o baixo nível de educação dos profissionais.

"Esta pesquisa comprova a importância do papel da inovação para a sobrevivência das empresas no mercado global e a necessidade de um esforço para criar um ambiente favorável a negócios inovadores no Brasil.

Sem dúvida, a inovação é o meio mais estratégico para a indústria crescer e colher resultados mesmo em cenários adversos como o atual", avalia o superintendente nacional do Instituto Euvaldo Lodi (IEL), Paulo Mól.

Conforme a CNI, foram ouvidos líderes de 60 pequenas e médias empresas e 40 firmas de grande porte. Os setores abordados foram de bens de consumo e de capital, químico e petroquímico, construção civil, farmacêutico, automotivo, eletroeletrônico, têxtil, digital, energético, siderúrgico e metalúrgico, mineração, celulose e papel.

"Além de mostrar a relevância no faturamento, a pesquisa revela que a inovação faz parte da estratégia do negócio em 99% das empresas consultadas. Entre as motivações para inovar, os empresários apontaram, em primeiro lugar, a vantagem competitiva. Também foi citado o aumento de produtividade, de lucro e de potencial de internacionalização", diz um trecho de um boletim divulgado pela CNI.

Votorantim Metais pede licença para projeto orçado em R\$ 215 milhões

13/05/2015 - Fonte: Diário do Comércio

Após confirmar a retomada parcial das atividades da planta de *matte* de níquel em Fortaleza de Minas, no Sul do Estado, a Votorantim Metais, empresa do grupo Votorantim, solicitou licença de operação (LO) à Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad) para tocar o projeto Extremo Norte, em Vazante, no Noroeste de Minas, destinado a produzir 490 mil toneladas de minério de zinco já neste ano, mediante investimento de R\$ 215 milhões.

O empreendimento está situado no vetor norte do complexo da empresa em Vazante e já contava com licença de operação provisória. Embora a Semad concedeu "sugestão pelo

deferimento" da LO definitiva, a secretaria impôs 14 condicionantes para a empresa, todas ligadas a questões ambientais.

O ativo foi adquirido pela Votorantim Metais em leilão de alienação dos direitos minerários da massa falida da antiga Ex-Mineração Areiense S/A, em 2004, quando obteve, assim, os direitos minerários daquela empresa, conforme informou a Semad em relatório.

Ainda de acordo com informações do órgão ambiental, em funcionamento, o contingente médio previsto de mão de obra para a lavra de minério de zinco no projeto é de 181 trabalhadores, divididos entre produção e outras atividades.

Todo o pessoal envolvido nas operações de lavra serão funcionários da própria empresa, enquanto os trabalhos de desenvolvimento da mina serão terceirizados.

O minério lavrado pelo método subterrâneo da atual mina da Votorantim será transportado por carretas até a planta da empresa Mina Vazante, também no município.

Após o beneficiamento, será realizado o tratamento metalúrgico do zinco na usina metalúrgica da companhia em Três Marias, na região Central do Estado, distante cerca de 300 quilômetros do complexo de Vazante.

O complexo de Vazante é parte do Sistema Três Marias, que compreende a mina Morro do Agudo, no município de Paracatu, no Noroeste de Minas. O sistema abastece a planta da companhia no município da região Central, que tem capacidade anual de aproximadamente 200 mil toneladas de zinco. A companhia conta também com a planta de polimetálicos em Juiz de Fora, na Zona da Mata.

Zinco - Além dos investimentos em Extremo Norte, conforme já informado, a companhia também está investindo R\$ 600 milhões na produção de minério de zinco em Vazante. Os aportes serão feitos na ampliação da vida útil do complexo.

O projeto compreende obras de acesso a reservas mais profundas de minério mapeadas dentro da área de exploração da mina, conforme informações da empresa. A previsão é de que a vida útil seja ampliada em mais de dez anos com os investimentos.

No final do mês passado, a Votorantim Metais confirmou que vai mesmo retomar parcialmente as atividades da planta de *matte* de níquel em Fortaleza de Minas. A ideia é usar ativos já existentes para a obtenção de recursos que permitirão a preservação dos demais.

O retorno financeiro da operação será através da venda do ácido sulfúrico na concentração de 98%, por meio da fusão do enxofre elementar.

Com base em relatório da Semad, a unidade de fusão de enxofre irá operar continuamente, sete dias por semana, oito horas por dia, consumindo 14 toneladas por hora de enxofre sólido.

A capacidade da planta será de 120 mil toneladas de ácido sulfúrico por ano. Para atingir esta produção, a previsão é de um consumo da ordem de 40 mil toneladas anuais de enxofre elementar, matéria-prima para o processo produtivo do ácido.

Ainda conforme a Semad, as novas atividades na planta devem gerar 93 empregos, sendo 75 diretos e 18 terceirizados. A contratação dessa mão de obra será feita preferencialmente em Fortaleza de Minas e região, levando-se conta a disponibilidade e qualificação técnica necessária para a operação da plataforma.

A empresa informou anteriormente que há a expectativa de que unidade entre em operação a partir do primeiro semestre de 2015, com objetivo de produzir 100 mil toneladas de ácido por ano. A planta de *matte* de níquel em Fortaleza de Minas está paralisada há cerca de um ano e meio, desde que as atividades foram encerradas em 25 de setembro de 2013.

Bilionário sul-africano é descoberto vendendo seu império de aço

13/05/2015 - Fonte: InfoMoney

O magnata sul-africano do aço Eric Samson estava pronto para terminar o trabalho. Em uma tensa reunião do conselho do Nelson Mandela Children's Fund em 2014, os membros se debatiam para achar uma forma de concluir a construção do seu principal hospital em Johannesburgo.

O edifício era financiado por Samson, amigo do falecido presidente do país, e estava atrasado e com fundos insuficientes. "Achávamos que já devíamos estar trabalhando de verdade", disse Sibongile Mkhabela, CEO do fundo, em entrevista por telefone. "Enquanto olhávamos os números, Samson simplesmente disse 'vou colocar 100 milhões de rand' e tudo acabou".

A doação de US\$ 8,4 milhões chega no momento em que Samson, 76 está desfazendo um império industrial em três continentes a cuja construção ele dedicou cinco décadas.

Sua fortuna, a maior parte da qual deriva de ativos em aço e propriedades que ele acumulou discretamente com sua companhia controladora, a Macsteel, está avaliada em US\$ 1,1 bilhão, segundo o Bloomberg Billionaires Index.

Ele nunca apareceu em um ranking internacional de riqueza nem respondeu a pedidos de comentários por telefone e e-mail. Para Samson, a venda de ações ao público nunca foi uma opção.

"Nós reinvestimos nossos lucros e financiamos a nossa própria expansão", disse ele citado em uma matéria publicada no jornal Financial Mail em 2006, uma de apenas duas entrevistas que ele deu na vida. "Nunca precisamos da glorificação. Simplesmente nos dedicamos à nossa empresa".

Venda de ativos

No ano passado, ele vendeu 28 propriedades comerciais na África do Sul onde estão as sedes das empresas e dos centros de serviço da Macsteel Service Centres SA. Os imóveis, propriedade da Macsteel Coreprop, da Macsteel Genprop e da Macsteel Service Centres SA, foram comprados por US\$ 272 milhões pela desenvolvedora Redefine Properties Ltd., com sede em Johannesburgo. Samson passou a vida inteira na empresa de aço.

Ele se uniu à companhia de cercados e instalações elétricas do seu pai, a Pan Africa Staalhandel, depois de completar o ensino médio em 1958, segundo uma publicação feita pela Macsteel no site de uma associação do setor em 2008. Ele passou a ser diretor gerente da empresa em 1965 depois da sua fusão com a concorrente S Machanick Co.

Ele fundou a Machanick Steel Fencing depois de comprar terras em Wadeville, uma área industrial de Johannesburgo que se transformaria na futura sede da Macsteel.

Em 1974, ele tinha comprado as participações dos seus sócios e se convertido no único dono da empresa. Em 1996, ele formou a Macsteel International, uma trading company de aço com sede em Amsterdã, por meio de uma joint venture com a Arcelor Mittal SA do

bilionário Lakshmi Mittal. Ele comprou 49 por cento da Iskoor, então uma joint venture entre a Iscor, uma produtora estatal de aço da África do Sul e a Koor Industries, com sede em Ramla, Israel, dois anos depois. Ele adquiriu o controle completo da empresa fusionada pouco depois.

Em 2006, Samson vendeu cerca de um quarto da sua empresa principal, a Macsteel Service Centres SA, a um consórcio de acionistas negros para respeitar os princípios de empoderamento econômico do país, que visam transferir riqueza para sua população negra.

Entre os compradores figurou uma companhia controlada pelo vice-presidente da África do Sul, Cyril Ramaphosa. Compromisso Samson venderá o restante da sua empresa principal. Em janeiro, a companhia anunciou que a Southern Palace Group, uma empresa com sede em Sandton, Johannesburgo, e investimentos em aço, automóveis, tecnologia e propriedades, é o licitante preferido.

Samson divide seu tempo entre a Cidade do Cabo e Israel, disse ele ao jornal Jewish Report, e vêm investindo em propriedades no seu país natal. Ele comprou uma cobertura para sua filha em Clifton, Cidade do Cabo, por 198 milhões de rand, segundo o semanário de Johannesburgo City Press.

Ele vendeu outras três unidades no mesmo bloco de apartamentos, mostram registros públicos. O bilionário manteve seu compromisso com o fundo de Mandela, se desempenhando como membro do seu conselho durante duas décadas e doando um milhão de rand por ano em julho por motivo do aniversário do antigo líder.

Rio Tinto se mostra convicta sobre expandir minério de ferro

13/05/2015 - Fonte: Notícias da Mineração

A Rio Tinto vai continuar com planos para produzir minério de ferro a todo vapor apesar da forte queda nos preços, aumentando a pressão sobre rivais grandes e pequenas, que enfrentam dificuldades para lidar com as consequências do excesso de oferta.

Enquanto rivais como a BHP Billiton e a Vale amenizaram seus planos de produção no médio prazo, a Rio Tinto disse nesta quinta-feira que focará em cortar custos para permanecer a produtora mais lucrativa do mundo, mantendo sua projeção de que a demanda de aço na China crescerá na direção de 1 bilhão de toneladas ao ano.

“Com o minério de ferro atualmente sendo negociado por volta de 60 dólares por tonelada entregue na China, temos mais a fazer para assegurar que mantenhamos a margem entre nós e outros produtores”, disse o presidente-executivo, Sam Walsh, na assembleia anual da mineradora global.

A Rio Tinto, segunda maior produtora de minério de ferro do mundo, e rivais como a Vale e a BHP aumentaram a produção ao mesmo tempo em que o crescimento da demanda desacelera na maior consumidora, a China, levando a uma queda de 55 por cento nos preços desde o início do ano passado que tem ameaçado a sobrevivência de produtoras menores.

A Rio Tinto pode continuar a produzir lucrativamente com preços do minério de ferro por volta de 30 dólares por tonelada, mas um número crescente de rivais está sofrendo.

Empresas menores como a Atlas Iron e a BCI Iron estão mais expostas a riscos se os preços do minério de ferro permanecerem perto dos níveis atuais por muito tempo.

BHP planeja cortes de custos mais profundos para enfrentar queda em commodities

13/05/2015 - Fonte: Reuters

A BHP Billiton disse nesta terça-feira que vai cortar seus custos de produção de minério de ferro ainda mais e reduzir as despesas para aguentar melhor uma baixa nos preços de commodities que está testando até mesmo as pesos-pesados da indústria de mineração.

A gigante BHP, maior companhia de mineração do mundo, e a Rio Tinto estão numa disputa para se tornar a produtora de minério de ferro com custo mais baixo. Ao mesmo tempo, elas estão aumentando a produção do minério, esperando forçar concorrentes para fora do mercado e conquistar uma maior participação.

O presidente-executivo da BHP Billiton, Andrew Mackenzie, descartou críticas de que essa estratégia está alimentando a forte queda nos preços do minério de ferro.

"Operamos em mercados altamente competitivos e cíclicos, onde o desempenho de lucro acima da média durante o ciclo depende em ser o fornecedor mais eficiente, não em restrição de oferta", disse Mackenzie, falando uma conferência de investidores em Barcelona.

"Neste ambiente estamos bem preparados para a possibilidade de um período estendido de preços menores em várias commodities."

A BHP disse que reduzirá seus gastos de capital e de exploração para 9 bilhões de dólares no ano fiscal de 2016 ante 12,6 bilhões em 2015.

Câmbio já amplia a substituição de importados

13/05/2015 - Fonte: SBVC

A retomada das exportações não é o único efeito positivo que a taxa de câmbio ao redor de R\$ 3 pode trazer à indústria no médio prazo. Mesmo sem crescimento da demanda devido ao cenário de recessão, empresas de diferentes segmentos de bens de consumo ouvidas pelo Valor preveem recuperar parte do mercado doméstico neste ano porque seus preços já ficaram ou devem ficar mais competitivos em relação a seus concorrentes importados.

Varejistas do setor de construção e supermercados relataram ao Itaú Unibanco uma maior procura por fornecedores nacionais. Segundo o "Orange Book" de abril - um relatório sobre o termômetro da atividade econômica a partir de comentários de clientes do banco - um dos poucos fatores positivos no momento é o real mais depreciado.

"Um empresário de uma grande varejista do setor de construção me disse que, com esse câmbio, está impossível importar", comenta o economista Caio Megale. Nos supermercados, a substituição está ocorrendo principalmente no setor de alimentos.

Para Megale, depois da alta do dólar, a substituição de importações ocorre mais rapidamente do que a recuperação das exportações e, em sua avaliação, os dados da balança comercial já refletiram esse movimento.

Em abril, as importações recuaram 23,7% em relação a igual mês de 2014 na média diária. Ele pondera, no entanto, que a retração ocorreu também devido ao esfriamento da demanda.

A Estrela ainda não se beneficiou da desvalorização do real, mas o presidente da empresa, Carlos Tilkian, afirma que isso trará maior competitividade a seus produtos em relação aos importados ao longo do ano, especialmente no último trimestre, período mais forte para a venda de brinquedos.

Em um primeiro momento, Tilkian aponta que a alta do dólar levou a uma mudança na estratégia da Estrela, que também trabalha com itens vindos de fora. "Vamos reduzir a importação e ampliar a produção nacional. No ano passado, os produtos importados representaram em torno de 35% do nosso faturamento. Neste ano, não projetamos mais do que 20%".

Com sede em Joinville (SC), a têxtil Döhler não vai reduzir a fatia de insumos importados usados na produção, de cerca de 25% do total, porque a indústria nacional não fabrica parte dos produtos químicos, fios sintéticos e corantes de que a empresa precisa.

Por outro lado, o diretor comercial da fabricante de itens de cama, mesa e banho, Carlos Alexandre Döhler, conta que os "namoros" com alguns varejistas começaram, e a expectativa é que os negócios comecem a ser fechados a partir deste mês.

Devido à elevada volatilidade do câmbio no período recente, Döhler diz que o varejo ainda está inseguro sobre qual decisão tomar em relação às importações. Se o dólar ficar na casa dos R\$ 3, porém, é certo que o setor deixará de importar.

"A indústria brasileira deve sentir um aumento de procura dentro do mercado interno, mas isso deve ocorrer mais no segundo semestre". Segundo ele, há uma certa demora nessa retomada porque, quando um varejista abre mão de um fornecedor, a reaproximação leva algum tempo.

A Trousseau, que vende grande parte de seus produtos em lojas próprias, deve sentir mais rapidamente o impacto do câmbio. O sócio-diretor da marca de roupas de cama voltada para o segmento de alta renda, Romeu Trussardi, calcula que, depois da escalada da divisa americana, um produto semelhante ao seu no exterior está hoje de 15% a 20% mais caro.

"O nosso mercado interno tem potencial enorme porque o produto que vem de fora não concorre diretamente com o nosso, muito menos agora com a alta do dólar", disse Trussardi.

Celina Dias, dona da marca de tecidos de decoração e papéis de parede que leva seu nome, afirma que a qualidade da indústria têxtil brasileira tem melhorado bastante, o que a motivou, juntamente com a alta do dólar, a elevar a fatia de produtos domésticos em seu portfólio.

Essa decisão foi tomada em novembro, quando a taxa de câmbio média ainda estava abaixo dos R\$ 2,60, e se mostrou acertada, comenta Celina. "As fábricas estão mais competitivas. Há um esforço no desenho, no acabamento e no preço. A indústria está caprichando", relata a empresária, que hoje tem cerca de 60% de itens nacionais em suas lojas.

No setor moveleiro, Murillo Schattan, diretor da Ornare, conta que os concorrentes que trazem armários e cozinhas prontos de fora estão tendo aumentos de preços "consideráveis", o que deve reduzir ainda mais a fatia de importados, já relativamente pequena, no mercado interno.

"Para nós, que produzimos aqui, a concorrência com linhas importadas melhorou porque nosso preço não subiu", afirma. A Ornare importa alguns componentes indisponíveis no

Brasil, como alguns tipos de tinta e de folhas de madeira, mas, de acordo com Schattan, a empresa conseguiu absorver o impacto do reajuste destes insumos.

A Breton Actual, que não importa nenhum componente de seus móveis, ainda não possui números, mas notou um aumento da procura após a desvalorização do real, segundo a diretora de marketing Giselle Rivkind.

"Temos clientes que compram lá fora e com a alta do dólar ficou mais complicado", diz Giselle, que espera alta de 10% do faturamento em 2015. Para ela, a movimentação do câmbio deve ajudar a empresa a alcançar esse resultado.

Ainda neste segmento, Guido Otte, presidente da Butzke, também prevê que seus concorrentes importados perderão participação, embora avalie que o real precisa se depreciar mais.

Otte observa que, no momento, há uma grande retração do mercado, porque o consumidor está "economizando de todos os lados possíveis", mas, de qualquer forma, os móveis importados devem sofrer mais com essa situação e os fabricantes nacionais devem suprir o espaço deixado por eles.

A Mondial, de eletroportáteis, fabrica no país cerca de 60% de sua linha de produtos, composição que não vai mudar após a alta do dólar, diz Giovanni Cardoso, presidente da companhia. "A maioria dos itens que importamos não tem escala e nem custos para se produzir no Brasil", como as cafeteiras, por exemplo, diz Cardoso.

Por outro lado, ele acredita que a empresa pode ficar mais competitiva em relação aos importados no segmento de liquidificadores, que são produzidos aqui. A Mondial já atende 40% desse mercado.

Nos calçados, o segmento que sofre concorrência mais significativa dos importados é o esportivo, diz Heitor Klein, presidente da Abicalçados (associação que reúne as indústrias do setor). Para Klein, o recuo de 23% do volume importado desse tipo de calçado no primeiro trimestre, ante igual período de 2014, reflete tanto o avanço dos preços quanto a demanda mais enfraquecida.

Mesmo assim, Klein é pouco otimista sobre o movimento de substituição de importações. "Os efeitos positivos que poderíamos sentir no mercado doméstico são anulados por outros fatores, como o endividamento das famílias e a alta da inflação."

Indústria de SP cai em março, após dois meses de recuperação

13/05/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo

Após dois meses de recuperação, a indústria de São Paulo teve queda de 0,8% em março, em comparação com o mês anterior, na série livre de efeitos sazonais, informou o IBGE nesta terça-feira (12). A queda da produção no Estado é significativa porque ele concentra 36% do parque industrial nacional, além de ser o mais diversificado do país.

Em comparação a fevereiro, a queda da indústria ocorreu em cinco dos 14 locais pesquisados.

A produção paulista havia crescido 7,3% de dezembro para janeiro —puxando a média nacional— e mais 0,3% de janeiro para fevereiro. A recuperação nesses meses foi atribuída à recomposição de estoques. O desempenho de São Paulo em março ficou igual à média nacional.

Na quarta-feira (6), o IBGE divulgou que a produção industrial no país como um todo caiu 0,8% em março frente ao mês anterior. Quando comparada ao mesmo mês do ano passado, a produção paulista teve queda de 2,7% —a 13ª baixa consecutiva nessa comparação.

Em 12 meses, as perdas chegam a 6,8%— bem maior do que a média nacional (-4,7%). O quadro negativo da indústria de São Paulo foi disseminado: 13 dos 18 setores pesquisados pelo IBGE tiveram taxas negativas em março na comparação com o mesmo mês do ano passado.

SETORES

Os setores que mais pesaram para a queda da produção paulista foram veículos automotores (-5,6%), atividade muito afetada pela produção de caminhões e motores.

Na metalurgia, a queda foi de 10,9%. A desaceleração da demanda interna, o crédito mais restrito e a baixa confiança de empresários e de consumidores são alguns dos fatores que têm afetado a produção da indústria brasileira desde 2014.

De acordo com o IBGE, a queda da produção da indústria no país foi disseminada entre os locais pesquisados. Frente a março do ano passado, houve redução em 11 dos 15 locais pesquisados.

Os destaques negativos de fevereiro para março ficaram para Ceará (-3,1%). Minas Gerais (-2,5%) e Paraná (-2,3%).

Os melhores resultados regionais ficaram com a Bahia (22,1%) —uma variação atípica do estado no mês. Em seguida aparecem Rio de Janeiro (4,8%) e Pará (3,2%).

Clima da economia atinge o pior nível em 26 anos, aponta pesquisa

13/05/2015 - Fonte: Inda

Incertezas em relação à condução da política econômica, emperrada por problemas de articulação política no Congresso, levaram o clima da economia brasileira a atingir o nível mais baixo em 26 anos.

O Índice de Clima Econômico (ICE) do Brasil, feito em parceria do instituto alemão Ifo com a Fundação Getúlio Vargas, passou de 57 pontos para 49 pontos de janeiro a abril - recuo de 14% e o pior patamar do indicador, cuja série teve início em janeiro de 1989.

A pesquisadora do Instituto de Economia da FGV (Ibre) Lia Valls não descartou a possibilidade de continuidade na trajetória descendente do indicador, calculado a partir da Sondagem Econômica da América Latina, com base em entrevistas com 1.092 especialistas em 115 países.

De acordo com Lia, o desempenho negativo brasileiro foi tão intenso que ajudou a reduzir a confiança dos analistas em relação à economia de toda a América Latina. O Indicador de Clima Econômico da América Latina (ICE), indicador síntese da sondagem latino-americana, registrou queda de 5,3% entre janeiro e abril, de 75 para 71 pontos.

Ao detalhar os dois subindicadores componentes do ICE, Lia informou que houve recuo de 11% no Indicador de Expectativas (IE); e o Indicador da Situação Atual (ISA) avançou 3,4% no período.

A economista explicou que o ICE brasileiro foi afetado negativamente pela avaliação do momento por que passa o país. Enquanto o IE caiu 9,5%, para 76 pontos, o ISA caiu 27% no período, para 22 pontos, o mais baixo desde janeiro de 1993 (20 pontos).

"Quem tem patamar em torno de 20 pontos na situação atual é a Venezuela. E a Venezuela não é um bom exemplo", disse.

Ela comentou que, na sondagem, há um quesito que apura os maiores entraves ao crescimento econômico de cada país. No caso do Brasil, a falta de confiança na política econômica ocupou a primeira posição entre os fatores limitantes do crescimento.

Quando questionada sobre os fatores que elevaram a desconfiança dos analistas em relação a esse quesito, no Brasil, Lia lembrou que, nos últimos meses, houve embates entre os poderes Executivo e Legislativo, com dificuldade para o governo aprovar suas medidas no Congresso.

Isso acaba por afetar a avaliação da condução de política econômica. Embora tenha considerado como voltadas para a "direção certa" as ações anunciadas nesse campo - como as de ajuste fiscal, por exemplo, Lia reconheceu que o governo não está conseguindo "aprovar o que quiser, sem problemas" no Congresso, como já foi no passado. "Estamos em uma situação inusitada", afirmou.

Para ela, é possível que o ICE brasileiro continue a cair. Isso porque o indicador tem forte aderência aos indicadores de crescimento econômico - e o mercado, atualmente, prevê PIB negativo para 2015.

Na avaliação dela, a única possibilidade de melhora seria nas expectativas relacionadas ao Brasil, nos próximos meses, impulsionadas por ambiente internacional mais favorável.

"Pode ser que melhore, e ajude a elevar um pouco o ICE", considerou. Mas acrescentou não saber com certeza se isso seria suficiente para tirar o indicador do atual recorde negativo, registrado ao término de abril.

Crise afeta pequena indústria e maioria já faz cortes, diz pesquisa

13/05/2015 - Fonte: Globo.com

A crise econômica está prejudicando os negócios e coloca em risco o futuro de 66% das micro e pequenas indústrias de São Paulo. O número equivale a 188 mil empresas, aproximadamente.

O dado é da pesquisa Indicador de Atividade da Micro e Pequena Indústria de São Paulo, realizada pelo Datafolha sob encomenda do Sindicato da Micro e Pequena Indústria do Estado de São Paulo (Simpí).

Em sua 26ª edição, a pesquisa indica que a maioria dos micro e pequenos industriais avaliam que a crise econômica está prejudicando os negócios. O impacto da crise nos negócios está sendo maior entre os pequenos (96%) do que entre os microempresários (87%), aponta o Simpí.

O levantamento detectou entre os empresários de micro e pequena indústria paulista a preocupação em adotar medidas que levem à sobrevivência das empresas. A principal delas é o corte de custos. Segundo a pesquisa, 39% das companhias do segmento já tomaram medidas nesse sentido.

Outros 22% planejam realizar corte de custos e demissões para atender às necessidades de um mercado mais retraído.

A pesquisa do Simpi apontou o pior Índice de Satisfação Econômica da série histórica, iniciada em 2013. Em abril, caiu de 113 para 75 pontos o índice de satisfação com o negócio. De acordo com o Simpi, a obtenção desse índice leva em conta os resultados das questões abordadas na pesquisa sobre situação geral, faturamento e margem de lucro.

“O mercado interno nunca esteve tão ameaçado”, comenta Joseph Couri, presidente do Simpi. “A pesquisa revelou que a atual crise econômica está prejudicando os negócios.

É necessário que haja medidas imediatas para a reversão do quadro atual”. A pesquisa foi realizada entre os dias 13 e 29 de abril com 312 empresas industriais de micro e pequeno porte do Estado de São Paulo. São consideradas micro, as indústrias que empregam até nove funcionários, e pequenas, de 10 a 50 trabalhadores registrados.

Megaferrovia que liga oceanos entra no plano de Dilma

13/05/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo

China, Brasil e Peru preparam acordo preliminar para construir uma megaferrovia que ligaria os dois países sul-americanos, criando um corredor de trilhos entre o Atlântico e o Pacífico. A obra é estimada em R\$ 30 bilhões.

A Folha apurou que o governo brasileiro incluirá trechos da ferrovia Transoceânica no plano de investimentos que a presidente Dilma Rousseff irá anunciar em junho. Na semana que vem, o primeiro-ministro chinês, Li Keqiang, desembarca em Brasília para fechar parcerias com o Palácio do Planalto.

A ideia é que empresas do país asiático participem dos futuros leilões para levar alguns dos trechos do pacote. Ministros e técnicos da Esplanada afirmam que as negociações estão avançadas no trecho Campinorte, que liga Goiás a Lucas do Rio Verde (MT), cinturão brasileiro do agronegócio, por onde passa a maior parte da produção nacional de grãos.

Há trechos brasileiros que já haviam sido lançados no programa de concessões de Dilma de 2012, mas até hoje não foram licitados. Pelo desenho original, a Transoceânica começa no Rio de Janeiro, passa por MG, GO, MT, RO e AC e, de lá, segue para o Peru.

A construção de um empreendimento que mudaria o mapa do sistema logístico internacional encontra fortes ressalvas pelo alto custo de construção para cortar a Cordilheira dos Andes.

SOJA MAIS COMPETITIVA

Já entusiastas do projeto, entre eles a presidente Dilma, argumentam que o trecho entre os dois países abriria uma saída para os produtos brasileiros pelo Pacífico, tornando-os mais competitivos.

A soja brasileira, por exemplo, tem dois caminhos para chegar à China: os portos de Santos (SP) e Belém (PA). No primeiro, são 30 dias de viagem pelo Atlântico. No segundo, saindo de Belém, via canal do Panamá, são 35 dias.

Uma viagem do Peru à China leva prazo semelhante. A grande diferença, aí, está no tempo entre a região produtora, Mato Grosso, e o porto.

A China depende dos produtos agrícolas brasileiros, mas quer uma alternativa ao canal do Panamá, sob influência dos EUA. A necessidade de uma rota concorrente acabou elevando o interesse pelo pacote de concessões para ferrovias de Dilma.

Em novembro, Brasil, China e Peru já haviam assinado um memorando de entendimento nesse sentido. O objetivo, agora, é avançar um pouco mais e tentar fechar cronogramas para a realização de estudos técnicos.

Em julho de 2014, Dilma e o líder chinês, Xi Jinping, ratificaram cooperação permitindo investimentos chineses em ferrovias brasileiras.

A nova fase das concessões se dará por outorga onerosa (ganha a empresa que der o maior lance), ao contrário do sistema adotado em 2012.

No desenho antigo, que quase não despertou interesse do setor privado, o Tesouro Nacional ajudava a bancar as iniciativas. Hoje, porém, não há recursos para isso.

China diz que crescimento econômico em abril ficou em "faixa razoável"

13/05/2015 - Fonte: R7

O crescimento econômico da China ficou dentro de uma "faixa razoável" em abril, mas o governo ainda precisa trabalhar duro para manter estável a expansão à frente, disse a Agência Nacional de Estatísticas nesta terça-feira.

Fatores mais positivos estão surgindo na economia chinesa, mas o país ainda enfrenta "um ambiente econômico complicado e desagradável nos cenários interno e externo", disse o porta-voz Sheng Lai em comunicado publicado no site da agência.

"Há sinais de melhora na economia da zona do euro, mas o crescimento econômico nos Estados Unidos está desacelerando e a economia japonesa segue enfraquecida, enquanto o crescimento na maior parte das economias emergentes perde ritmo", disse.

O crescimento da produção industrial acelerou levemente em abril em relação ao mês anterior, acrescentou, sem dar mais detalhes.

A produção industrial subiu 5,6 por cento em março em relação ao ano anterior -leitura mais fraca desde a crise financeira global- e economistas consultados pela Reuters esperam que acelere a 6,0 por cento em abril.

O investimento em infraestrutura subiu mais de 20 por cento nos quatro primeiros meses na comparação com o ano anterior, maior do que o crescimento do investimento de maneira geral, disse Sheng.

Dólar cai pelo 2º dia com mercado de olho em aumento de juro nos EUA

13/05/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo

O desaquecimento das vendas no varejo dos Estados Unidos e a expectativa de adoção de novos estímulos na economia chinesa puxam a cotação do dólar para baixo nesta quarta-feira (13).

Às 12h10 (de Brasília), o dólar à vista, referência no mercado financeiro, tinha desvalorização de 0,27% sobre o real, cotado em R\$ 3,016 na venda. No mesmo horário, o dólar comercial, usado no comércio exterior, operava estável em R\$ 3,0170.

Segundo operadores, o mercado avalia o indicador de vendas no varejo dos Estados Unidos em abril, que mostrou estabilidade em relação ao mês anterior. A avaliação é que o dado pode ser levado em conta pelo Federal Reserve (banco central americano) para segurar por mais tempo o início da elevação dos juros naquele país, o que beneficia o fluxo de dólares em outros países, como o Brasil.

Isso porque uma alta do juro americano deixaria os títulos do Tesouro dos EUA –que são remunerados por essa taxa e considerados de baixíssimo risco– mais atraentes do que aplicações em mercados emergentes, provocando uma saída de recursos dessas economias.

A menor oferta de dólares tenderia a pressionar a cotação da moeda americana para cima, por isso a possibilidade de um aumento mais distante no juro reduz a pressão no mercado cambial.

Colabora para este cenário a notícia de que a produção industrial da China subiu menos que o esperado em abril (5,9%), o que motivou novas expectativas de estímulo naquele país.

Nesta semana, o governo chinês cortou a taxa de juros pela terceira vez em seis meses, na tentativa de impulsionar a economia.

A perspectiva de analistas, no entanto, é de que o Banco Central do Brasil continue ajustando suas atuações no câmbio para não permitir que o dólar fuja para um valor distante de sua atual cotação, seja para cima ou para baixo.

Nesta quarta, a autoridade monetária brasileira rolou para 2016 os vencimentos de 8,1 mil contratos que estavam previstos para o início de junho, em um leilão que movimentou US\$ 393,8 milhões. A operação é equivalente à venda futura de dólares.

Se mantiver esse ritmo até o final de maio, o BC rolará apenas 80% do lote total de contratos de swap com vencimento no início do próximo mês, que corresponde a US\$ 9,656 bilhões.

AÇÕES EM QUEDA

O mercado de ações tem nesta quarta-feira um novo dia de baixa, pressionado pelas ações da Vale. Às 12h10, os papéis preferenciais da mineradora, mais negociados e sem direito a voto, caíram 1,83%, para R\$ 18,18 cada um.

O movimento refletia os sinais de desaquecimento da China, que é o principal destino das exportações da companhia brasileira.

Com o desempenho da Vale, o principal índice da Bolsa brasileira, o Ibovespa, recuava 0,75%, para 56.366 pontos. O volume financeiro estava em torno de R\$ 1,9 bilhão, às 12h10.

A valorização de 1,45% das ações preferenciais da Petrobras, para R\$ 13,99, amenizava a perda do Ibovespa. Investidores seguem avaliando positivamente a notícia de que a estatal vai tentar vender títulos de dívida no Brasil para levantar de R\$ 3 bilhões a R\$ 4 bilhões.

O valor deverá ser usado para reforçar o caixa e bancar investimentos. Há também expectativa pelo balanço da companhia no primeiro trimestre, previsto para sexta-feira (15).

Fras-le vai na contramão do mercado e lucra 17% a mais no 1º trimestre

13/05/2015 - Fonte: Automotive Business

Na contramão do mercado, a Fras-le, que pertence ao grupo de empresas Randon, apura crescimento de 17,8% no lucro líquido do primeiro trimestre na comparação com igual período do ano passado, ao anotar ganhos de R\$ 13,9 milhões, informa em comunicado divulgado na terça-feira, 12.

Na mesma base de comparação, o EBITDA chegou a R\$ 33,1 milhões, resultado 16,1% superior ao do ano anterior, com lucro bruto 5,8% maior, para R\$ 56,5 milhões.

A apreciação do dólar, considerando valor médio de R\$ 2,86 no primeiro trimestre deste ano, contribuiu para o aumento da receita bruta total de R\$ 279,4 milhões no período, resultado 7,7% superior ao de igual trimestre de 2014.

Segundo a companhia, a oscilação dos valores em dólar ocorreu por uma série de variáveis acumuladas neste primeiro trimestre, tais como a postergação da demanda no mercado norte-americano, fatores estruturais brasileiros como greves e atrasos de embarques, além de instabilidade econômica em alguns países.

A receita líquida absorveu os mesmos efeitos somando R\$ 203,4 milhões, aumento de 5,9%.

Deste total consolidado, a receita líquida no Brasil foi de R\$ 96,8 milhões, queda de 9,9% sobre o valor anunciado nos três primeiros meses de 2014, enquanto a receita líquida obtida no mercado externo subiu 26% no mesmo período, para R\$ 106,6 milhões.

As exportações a partir do Brasil caíram 10,2% em valores, passando para US\$ 21,1 milhões, resultando em um faturamento 3,9% menor no exterior, para US\$ 34,2 milhões.

Em seu relatório, a empresa destaca os resultados positivos apesar do cenário econômico atual, fragilizado pelo abalo na confiança, aumento da inflação e baixo crescimento do País, informa o balanço.

Além disso, a empresa reforça que nos primeiros três meses deste ano aumentou seus esforços focados em estratégia de vendas, controles de custo e despesas como parte da implementação de seu plano de competitividade a partir de práticas internas.

“O atual cenário econômico nacional inspira cautela, aumento da inflação e medidas recessivas do governo, embora necessárias, fazem com que o ritmo industrial do País seja menor em relação aos anos anteriores.

Diante disto, a Fras-le continuará focada no controle dos seus custos operacionais, buscando alternativas para reduzir estes efeitos no seu desempenho operacional, além de trabalhar para ampliar ainda mais a participação no mercado internacional”, afirma o diretor de relação com investidores, Vanderlei Novello.

Para 2015, a partir da análise do cenário macroeconômico interno e global, a Fras-le projeta chegar a uma receita bruta total de R\$ 1,1 bilhão e receita líquida consolidada de R\$ 820 milhões.

FMM espera faturar € 200 milhões em Goiana

13/05/2015 - Fonte: Automotive Business



A FMM Pernambuco Componentes Automotivos, joint venture entre Magneti Marelli (65% de participação) e Faurecia (35%), começou a operar no parque de fornecedores da Fiat Chrysler Automobiles em Goiana (PE) com perspectiva de faturar acima de € 200 milhões por ano. A projeção, segundo a companhia, é para longo prazo, quando a produção atingir seu pico.

As duas empresas desenvolvem e fabricam juntas grandes componentes em plástico, como para-choques, aerofólios, painéis de portas, painéis de instrumentos e consoles com eletrônica instalada para os veículos da FCA produzidos na fábrica de Goiana - o primeiro deles é o Jeep Renegade.

Eugenio Razelli, CEO da Magneti Marelli, lembra da importância da parceria: "Acima de tudo, estamos honrados em participar e contribuir com esse importante projeto.

A parceria com a Faurecia é muito importante porque podemos efetivamente integrar o nosso know-how a fim de contribuir para projetos importantes, como aqueles relacionados à Pernambuco."

"Esse acordo é um grande passo no desenvolvimento de nossas atividades em longo prazo com a Fiat Chrysler Automobiles", acrescenta Yann Delabrière, chairman e CEO da Faurecia.

AGC Chemicals amplia negócios com setor de autopeças no País

13/05/2015 - Fonte: Automotive Business

Presente no Brasil desde 2012, a AGC Chemicals vem aumentando o fornecimento de seus compostos fluorquímicos para a indústria de autopeças, com cerca de 10 clientes globais do setor que já representam metade do faturamento no País.

Atualmente a empresa importa dos Estados Unidos, Inglaterra e Japão insumos usados principalmente em componentes de plástico e borracha, como dutos, juntas de vedação e cabos elétricos.

"Estamos recentes e ainda não atingimos todo o potencial do mercado brasileiro. O plano é que até 2017 a filial se torne um centro regional para atender toda a América Latina", afirma Daniel Hamaoui, gerente de desenvolvimento de negócios da divisão da AGC no Brasil.

O grupo japonês AGC já está estabelecido no Brasil com sua divisão de vidros

automotivos, que tem fábrica em Guaratinguetá (SP), e agora busca incrementar os negócios na região com seus compostos químicos de maior valor agregado, os chamados fluorquímicos.

Segundo Hamaoui, a indústria automotiva está entre os maiores clientes porque precisa usar componentes de alta resistência e confiabilidade, que são fabricados com insumos especiais.

“A decisão de vir para o Brasil e fazer uma base para os demais mercados latino-americanos foi tomada porque verificamos o aumento da demanda nas autopeças por compostos de alta complexidade tecnológica”, explica o executivo.

Entre os compostos fornecidos para a indústria de autopeças pela AGC Chemicals, os mais usados são o Fluon ETFE e o AFLAS. O primeiro é uma linha de resinas adesivas usadas principalmente em dutos de combustível de polipropileno e poliamida (nylon), para garantir resistência a agentes químicos e altas temperaturas, além de dissipar eletricidade estática e impermeabilizar completamente a peça para evitar emissões de líquidos ou gases.

Já o AFLAS é um flúor-elastômero usado em componentes de borracha, como juntas de vedação, que trabalham em condições agressivas e por isso precisam resistir ao calor, compostos alcalinos, solventes e vapor.

Atualmente 100% dos produtos fornecidos pela AGC Chemicals no Brasil são importados. Ainda não existe decisão tomada para a instalação de uma fábrica. Hamaoui afirma que isso dependerá do comportamento do mercado, mas admite que seria possível para produzir algumas misturas de compostos.

10 coisas que você precisa saber antes de trabalhar na FIAT

13/05/2015 - Fonte: Exame

No final do mês passado, a Fiat Chrysler Automobile (FCA) inaugurou um polo automotivo na cidade de Goiana, em Pernambuco. Por lá trabalharão até 11 000 pessoas — apenas 3 000 já foram contratadas —, que participarão, em um primeiro momento, da produção de automóveis da marca Jeep. VOCÊ S/A conversou com headhunters, consultores de carreira e com o diretor de RH da empresa para descobrir como é trabalhar na montadora que é a fabricante do carro mais vendido no Brasil, o Palio.



1 - HÁ POSSIBILIDADE DE EXPATRIAÇÃO

A Fiat está presente em mais de 50 países e tem o Brasil como sua maior operação mundial. As chances de expatriação são grandes não só para a Itália, sede global, mas também para diversos países. Falar uma segunda língua é fundamental.

2 - É UMA COMPANHIA HIERARQUIZADA

Por ser uma multinacional, a montadora tem uma hierarquia um pouco mais rígida, e a tomada de decisão costuma ser lenta devido à necessidade de contatar outras plantas.

3 - A CULTURA ESTÁ EM TRANSFORMAÇÃO

Desde janeiro, a Fiat comanda o Grupo Chrysler, de carros de luxo. Por isso, os valores da empresa estão sendo redefinidos. Companhias italianas, como a Fiat, não costumam ter processos definidos — o oposto de americanas, como a Chrysler.

4 - MOMENTO POSITIVO

Na planta de Goiana há novas práticas. Os funcionários podem passar por estágios curtos em diversos setores até encontrar o cargo mais adequado às suas competências. E a área administrativa também é diferente: não há baias, e as estações de trabalho são flexíveis.

5 - GIGANTE COM CARA DE EMPRESA FAMILIAR

A Fiat ainda tem características de empresas familiares: baixa meritocracia e valorização de profissionais políticos. Mas especialistas creem que a Chrysler terá influência positiva no ambiente.

6 - BENEFÍCIOS E SALÁRIOS DENTRO DA MÉDIA

Funcionários têm desconto na hora de comprar um carro da marca, mas salários e benefícios estão dentro da média do mercado de montadoras, que costumam oferecer pacotes inferiores aos de empresas de tecnologia e bancos.

7 - TECNOLÓGICA, MAS NEM TANTO

Quando o assunto é carro, a Fiat investe em inovação. Internamente, no entanto, os processos ainda são burocráticos, e falta criar mecanismos de comunicação mais eficientes.

8 - ESTABILIDADE AINDA É UMA REALIDADE

É muito comum que os funcionários da Fiat construam uma carreira inteira e fiquem anos lá dentro. E isso é ótimo para quem busca estabilidade. O único cuidado é tentar se reinventar para não se sentir estagnado.

9 - EXISTE DIVERSIDADE CULTURAL

Como é uma empresa grande com plantas em vários países, não é raro trabalhar ao lado de estrangeiros e aprender com eles.

10 - FORA DO EIXO RIO-SP

Comentários de funcionários e ex-empregados da Fiat no site de classificação de empresas Love Mondays registram que a localização da sede, em Betim, a meia hora de Belo Horizonte, é um problema. O acesso é complicado e, dependendo da profissão, o mercado da região é restrito.

Palavra da empresa

"As principais características para trabalhar na Fiat são curiosidade, capacidade de superar desafios e flexibilidade. Outro ponto é estar aberto a culturas diferentes, pois as possibilidades de expatriação são grandes."

(Adauto Duarte, diretor de recursos humanos da Fiat Chrysler Automobile)

Não há democracia com desindustrialização, diz Aldo Rebelo

13/05/2015 - Fonte: Exame



O Brasil precisa se preparar para quando o ajuste passar, disse hoje o ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação, Aldo Rebelo.

"O ajuste é para preparar o país para voltar a crescer e se desenvolver", declarou durante palestra na abertura do 6º Congresso Brasileiro de Inovação da Indústria, realizado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) hoje e amanhã no Sheraton WTC em São Paulo.

Diante de uma platéia formada principalmente por membros do setor empresarial industrial, Rebelo disse que sente "a inquietação e o desassossego da sociedade" com a queda da indústria no país e que a inovação é importante para reverter esse processo:

"Não permaneceremos entre as 10 maiores economias do mundo se os indicadores de inovação ficarem abaixo da 60ª posição." Ele também disse que a desindustrialização tem efeito sobre a própria democracia:

"A economia industrial é o único caminho, a única alternativa que pode conduzir a sociedade brasileira no rumo do futuro. Não há democracia profunda, estável e verdadeira em uma sociedade que se desindustrializa."

Rebelo também contou que manifestou para a presidente seu descontentamento com o fato de que o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) não tinha nada relacionado à infraestrutura tecnológica.

Segundo ele, foi isso que levou à inclusão, mesmo durante o contingenciamento, de dois projetos: o Projeto Sirius e o Reator Multipropósito Brasileiro (RMB), cada um deles com R\$ 1,5 bilhão.

Antes de Rebelo, o co-fundador da Natura Pedro Passos leu e entregou um posicionamento da MEI (Mobilização Empresarial pela Inovação) ao governo federal:

"Estamos nos aproximando dos lastimáveis 10% de participação da indústria no PIB. Em 2012, o percentual de dispêndio empresarial de pesquisa em desenvolvimento em relação ao PIB foi de 0,56%. É muito pouco."

Produção de aço bruto da China cai 0,7% em abril

13/05/2015 - Fonte: Reuters



A produção de aço bruto da China caiu 0,7 por cento em abril na comparação com um ano antes, mostraram dados do governo nesta quarta-feira, conforme uma economia fraquejante e um setor imobiliário em desaceleração prejudicaram a demanda pela liga no maior produtor de aço do mundo. A produção alcançou 68,91 milhões de toneladas em abril.

A produção total nos primeiros quatro meses caiu 1,3 por cento, para 270,07 milhões de toneladas ante igual período de 2014, segundo a Agência Nacional de Estatísticas.

A China cresceu no ritmo mais lento em seis anos no início de 2015 e a expansão dos investimentos imobiliários desacelerou para 6 por cento nos primeiros quatro meses, na comparação anual, sugerindo que a segunda maior economia do mundo ainda está perdendo ímpeto.

A demanda por aço na China continua frágil, fazendo os preços caírem 11,9 por cento até agora no ano. O consumo aparente de aço bruto diminuiu 6,2 por cento para 177 milhões de toneladas no primeiro trimestre, após queda de 4 por cento durante o ano de 2014.

Brasil tem conjuntura difícil e precisa de esforço fiscal

13/05/2015 - Fonte: Exame



Washington - A economia do Brasil atravessa uma conjuntura difícil, com perspectiva de retrocesso de 1% do PIB em 2015, e deverá se esforçar para atingir sua anunciada meta de superávit fiscal - afirmou nesta terça-feira um alto funcionário do Fundo Monetário Internacional (FMI).

"É uma conjuntura difícil. O país está em um ano que será marcado pela contração" de seu Produto Interno Bruto (PIB), disse o funcionário na divulgação do relatório completo da missão do FMI no Brasil. Segundo o funcionário, a previsão de uma queda do PIB de 1% em 2015 foi resultado "da soma de todas as informações disponíveis" até o final de fevereiro deste ano, e está confirmada pela reunião anual do FMI em abril.

Desde então, "há alguma informação que se tornou disponível, algumas notícias, mas o resultado da consulta se mantém".

Para 2016, o FMI prevê um crescimento de cerca de 1%, iniciando uma sequência de índices de crescimento superiores a 2% a partir de 2017, para atingir 2,5% em 2020.

Nesta terça, o FMI divulgou o texto completo do relatório sobre sua missão de consulta no Brasil. Nas 200 páginas do documento, o Fundo busca compreender a complexidade da situação que coloca o país diante da perspectiva de recessão este ano.

Para o Fundo, serão necessários esforços complementares para se atingir a meta de superávit primário equivalente a 1,2% do PIB.

"Uma consolidação fiscal ambiciosa é necessária para reduzir a dívida pública e restaurar a credibilidade das políticas", acrescenta o texto.

Para os peritos do FMI, "o impulso das reformas, da expansão da renda e das condições externas favoráveis - que permitiram um crescimento apoiado no consumo e no crédito e a redução da pobreza - perdeu força".

Em consequência, verificou-se uma forte desaceleração dos investimentos, como reflexo de uma erosão da competitividade, "a deterioração do ambiente de negócios e a queda dos preços das commodities".

Para o FMI, a confluência de um "crescimento estancado, inflação alta e deterioração das finanças públicas representa desafios difíceis", em um cenário marcado por riscos externos.

O organismo com sede em Washington destaca a importância de se "fortalecer a credibilidade da política econômica e a confiança do mercado", além de se "promover os investimentos e a competitividade" para se estabelecer as bases de um crescimento "forte, equilibrado e firme".

Revolta com demissões causa protesto de operários na Volvo

13/05/2015 - Fonte: Paraná Online

Metalúrgicos da empresa Volvo entram, nesta quarta-feira (13), no quarto dia de greve. Eles protestam contra as ameaças de demissão e redução de direitos na empresa. Na manhã desta quarta-feira os trabalhadores fecharam a rua em frente à fábrica como protesto.

"Não tem como botar para votar um engenheiro ou um técnico em contabilidade que não são associados ao Sindicato e que não estão no pacote de demissões para votar uma proposta que vai atingir somente o chão de fábrica.

Em vez de sentar para negociar uma proposta coerente de manutenção dos empregos, a Volvo prefere ficar usando os trabalhadores administrativos para forçar e impor sua proposta ao chão de fábrica", disse o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba, Sérgio Butka.

A proposta rejeitada trazia o seguinte: redução em 50% no valor da Participação nos Lucros e Resultados (PLR) em relação ao valor do ano passado, que foi de R\$ 30 mil, reajuste salarial apenas com a reposição da inflação para a data base, que é em setembro. Ainda segundo a proposta, mesmo que os trabalhadores aceitassem o acordo, cerca de 600 ainda seriam demitidos em dezembro.